

AFINIDADES ELETIVAS: A QUESTÃO RACIAL NAS OBRAS DE LIMA BARRETO E JAMES BALDWIN

Danillo de Matos Santos Costa (Pós-Crítica/UNEB)¹

Resumo: O presente trabalho trata-se de uma investigação sobre de que forma as obras literárias dos autores Lima Barreto e James Baldwin podem nos ajudar a compreender a questão racial no Brasil de hoje. Como aponta Andrews (2015), ela é pensada há pelo menos cem anos por observadores da questão racial tanto no Brasil como nos Estados Unidos, sendo essas as duas maiores sociedades multirraciais do continente americano. A partir de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo-descritivo, pretendemos refletir como a ficção e não-ficção dos autores, que tiveram protagonismo em discussões sociais e políticas, cada um no seu recorte de tempo e espaço, o primeiro no Brasil da primeira metade do século XX e o segundo nos Estados Unidos, da segunda metade em diante, problematizam a questão da raça, aspecto essencial na obra de ambos. Busca-se também investigar de que maneira os autores lidam com a herança escravista de seus países nas suas obras, assim como comparar como cada um deles pensa o papel do intelectual negro, encarando-os como autores contemporâneos, segundo a definição de Agamben (2009), já que a leitura que cada um fez da sua época nos ajuda a pensar a realidade brasileira atual, porque contemporâneo é aquele capaz não só de transformar o seu tempo, como também colocá-lo em relação a outros.

Palavras-chave: Questão Racial. Lima Barreto. James Baldwin.

INTRODUÇÃO

Tanto as vidas, quanto as obras de Lima Barreto e James Baldwin têm alguns pontos de contato, ambos eram negros, netos de escravizadas, suburbanos e buscavam na sua literatura produzir uma voz para si e para aqueles como eles, o brasileiro no começo do século XX e o americano a partir da sua segunda metade. A questão racial pode ser considerada uma pedra de toque fundamental na obra dos dois autores, tanto na ficção como na não ficção, gênero no qual ambos foram muito prolíficos. Lima e Baldwin tiveram protagonismo em discussões sociais e políticas, e muitas dessas discussões vindas de autores negros, de países de passado escravista giravam em torno dessa questão. Como esclarece Lília Schwarcz (2017) Lima Barreto sempre se definiu como um autor de origem africana (um dos poucos na sua época), com uma literatura que dava conta dos “costumes e sofrimentos dessa população” (SCHWARCZ, 2017, p. 279). Segundo sua biógrafa o autor carioca definia a sua literatura como *militante*, dialogando de forma de direta com temas da realidade brasileira.

Muitos anos antes de James Baldwin começar a escrever e se posicionar contra o racismo em seu país, Lima publicou em 1917 no jornal O Debate, um artigo no qual denunciava o que ele acreditava ser um dos problemas fundamentais dos Estados Unidos: o preconceito contra os negros (SCHWARCZ, 2017). Baldwin sempre testemunhou e denunciou essa situação, e apesar de alguns

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientador: Prof. Dr. José Carlos Félix. Endereço eletrônico: danillodematos@gmail.com.

entaves, manteve contato com os principais líderes dos movimentos pelos Direitos Civis, como Martin Luther King, Malcolm X e Medgar Evers. No ensaio *Notes for a hypothetical novel*, publicado em 1961, ele escreve que “[...] a coisa mais óbvia que parece me separar do resto dos meus compatriotas é o fato da cor. [...]”²(BALDWIN, 1991, p. 125) e que esse problema permanece porque preenche algo na personalidade americana e os americanos acreditam que precisam disso de alguma forma.

Não pensamos mais em racismo, mas sim em racismos, que vão desde o estrutural, ao recreativo, chegando até o ambiental, por ora não nos aprofundaremos em cada um deles, aqui servem apenas de ilustração das suas variações. Seja ele qual for, também não pode ser pensado de forma qualitativa comparando o do Brasil com o dos Estados Unidos, qual seria o melhor ou pior, ambos são perversos e resultado de um passado escravista. No Brasil de Lima, da Primeira República, após a abolição da escravatura não existiram “[...] formas de discriminação pautadas na lei, o que não pode ter como corolário o suposto da inexistência de discriminação.”(SCHWARCZ, 2012, p. 71). Esse racismo velado e mal dissimulado, tipicamente brasileiro, não passava despercebido por Lima Barreto.

Já nos Estados Unidos pós-Guerra Civil, o clima era bem diferente, como escreve Margolick (2012), os negros eram linchados e assassinados frequentemente, não raro de forma festiva e inclusive com a complacência das autoridades locais, pendurados nas árvores como a fruta estranha cantada por Billie Holiday. Esse ritual continuou por muitos anos depois do fim da guerra. Lá, diferente daqui, havia leis segregacionistas, como a Jim Crow, que vigorou de 1876 a 1965 nos estados do sul. E como vimos, Baldwin estava no prosclênio da luta pelos Direitos Civis dos negros norte-americanos.

DISCUSSÃO INICIAL

Mitos no Brasil não são fenômenos surgidos nas últimas eleições, um dos mais antigos e mais renitentes é o de que vivemos numa democracia racial. Como mostra Schwarcz (2019, p. 17-18) o termo foi criado pelo antropólogo Arthur Ramos, porém mais associado a Gilberto Freyre, discutivelmente seu maior propagador. O impacto da tese do autor de *Casa-grande & senzala* foi tanto que durante a década de 1950 a UNESCO financiou uma pesquisa com o intuito de provar que no Brasil não existia discriminação racial. No Nordeste as investigações foram realizadas pelos norte-americanos Donald Pierson e Charles Wagley, que buscaram ratificar a suposição de Freyre. Por outro lado, o grupo liderado pelo sociólogo Florestan Fernandes em São Paulo chegou a uma

² [...] the most obvious thing that would seem to divide me from the rest of my countrymen is the fact of colour.[...]

conclusão contrária, para Fernandes a nossa herança escravista não foi uma nação mestiça, mas sim entranhada por uma profunda desigualdade social.

Para Abdias Nascimento a democracia racial seria “a metáfora perfeita para designar o racismo estilo brasileiro [...]” (NASCIMENTO, 2016, p. 111) porque não seria tão óbvio quanto o praticado nos Estados Unidos nem legalizado quanto o *apartheid* da África do Sul. Aqui ele seria *institucionalizado* em níveis oficiais do governo, mas também difundido no tecido social, psicológico, político e cultural da nossa sociedade. E que as classes brancas dominantes não têm apenas sob sua batuta os órgãos do poder como o governo, o capital e a polícia, elas têm também um controle cultural dominando a comunicação de massa e o ponto que nos interessa mais aqui, a produção literária. Para Nascimento esses instrumentos são usados para destruir o negro e impedir uma enunciação própria.

A produção literária de Lima Barreto e James Baldwin traz a preocupação com a enunciação do negro, com a experiência do negro em sociedades racistas, porém sem se limitar a uma literatura panfletária ou proselitista. Baldwin por exemplo, se recusava a ser *apenas* um escritor negro que escreveria apenas sobre o que os norte-americanos definiram como *negro problem*, problema não apenas inventado pelos brancos, mas do qual eles se tornaram dependentes (BALDWIN, 1998, p. 386). E esse problema o levou ao exílio em Paris, segundo ele sua vida lá “[...], estava até certo ponto protegida pelo fato de eu carregar um passaporte verde. Aquele passaporte proclamava que eu era um cidadão livre, de um país livre, [...]”³ (BALDWIN, 1998, p. 378). Se esse passaporte na cidade luz o impedia, até certo ponto, de ser tratado como um selvagem não civilizado como os negros africanos, na terra da liberdade significava que ele era um preto doméstico e que seu cadáver em um esgoto qualquer não ofenderia governos estrangeiros.

Se distanciar por um período do que estava acontecendo nos Estados Unidos antes da conquista dos Direitos Civis foi um meio encontrado por Baldwin de analisá-lo melhor. Lima, por outro lado, não teve a opção de se distanciar do nosso problema, ele publicou seu primeiro livro *Recordações do Escrivão Isaias Caminha* menos de vinte anos do pós-abolição e antes disso já publicava ensaios e artigos nas mais diversas publicações.

Em um ensaio intitulado *Qualquer Coisa* publicado em 1911, ele lança o que poderia ser visto como a base da sua produção literária, nele o autor contesta o papel da literatura como o culto aos dicionários mas sim “[...] uma literatura de ação sobre as ideias e os costumes; [...]” (BARRETO, 2017, p. 83). Costumes estes que podia observar com argúcia sempre que transitava entre os subúrbios e o centro do Rio de Janeiro, sem poupar críticas ou suavizar suas antipatias.

³ [...] was to some extent protected by the fact that I carried a green passport. That passport proclaimed that I was a free citizen of a free country, [...]

Lima já descrevia o preconceito racial à brasileira como compreendido por Abdias Nascimento, sutil (às vezes) e insidioso. Já no seu primeiro romance *Isaías Caminha*, o protagonista, se depara com essa modalidade de preconceito, com a mudança de tratamento entre ele, um rapaz com “[...] a tez de cor pronunciadamente azeitonada.” (BARRETO, 1998, p. 29) e um rapaz *alourado* ao pedirem o troco no balcão de um café, a que o atendente responde de forma ríspida que ele tenha calma porque ali não se rouba. O que fere Isaías não é só o tratamento grosseiro, mas também os olhares lançados pelos outros clientes, o que faz com que ele passe em revista sua aparência na busca de uma justificativa, fazendo-o curtir uma raiva muda que quase rebenta em pranto. De acordo com Schwarcz (2012) preconceito de cor no Brasil não está ligado de forma exclusiva à questão econômica e social, ele persiste como um divisor na sociedade, valorizando de forma negativa marcadores sociais dando a eles uma análise moral, como a cor de Isaías ligada ao roubo.

Vale ressaltar que Lima Barreto também definia sua cor como azeitona escura, esse não é o único traço autobiográfico na obra do autor, muito pelo contrário, é um traço profuso e muito bem documentado, essa é outra característica que os autores aqui abordados têm em comum. Em Baldwin ela está espalhada por toda sua obra ensaística, que saem do pessoal para o político, mas também pode ser encontrada nas suas obras de ficção. Não que seja um objetivo nosso traçar biografismos dos autores, mas em alguns momentos será difícil de ignorar, levando em conta principalmente a temática abordada por ambos e tão cara a eles. Mesmo tendo uma literatura com muita autoidentificação, Lima adverte que é preciso cuidar da trama para que a biografia não apareça demais.

Tanto Lima quanto Baldwin foram netos de ex-escravizadas, a escravidão não liga apenas as biografias dos nossos autores, mas principalmente do Brasil e dos Estados Unidos, país por quem aliás Lima sentia uma particular antipatia e ele revela esse sentimento numa crítica de 1920 chamada *Vários autores várias obras* na qual critica o que denomina mania americana em um livro de um autor chamado Carlos de Vasconcelos. Lima ainda proclama que “esse *engouement* pelos Estados Unidos há de passar, [...]” (BARRETO, 2017, p. 215) os cinquenta anos de prazo dado pelo autor para que nos libertássemos da dominação *yankee* se esgotou há muito e a dominação não só não passou, como agora, no atual governo, é incentivada.

Fato é que os Estados Unidos sempre serviram de régua para medir os nossos avanços, mas também nossos atrasos. Como vimos, no Brasil pós-emancipação não havia pautada na lei formas de discriminação, diferente dos Estados Unidos, isso serve de sustento para o discurso que tenta demonstrar como aqui não existe racismo e discriminação. Antes da abolição da escravidão os dois países mantiveram uma relação promíscua em relação ao tráfico de escravos. Como revela Gerald Horne (2010) quando a Grã-Bretanha em 1839 fez com que seus navios de guerra detivessem navios

negreiros com bandeiras do Brasil, Espanha e Portugal, sendo os Estados Unidos o único a não permitir que seus navios fossem abordados e revistados, cidadãos americanos passaram a prestar serviços a traficantes de escravos e que sob a proteção da bandeira norte-americana dois terços dos navios negreiros puderam aportar aqui e em Cuba.

O historiador norte-americano também apresenta as impressões de alguns cidadãos ao chegarem por aqui durante o século XIX, para um deles o que causa repulsa é o “aspecto terrivelmente mestiço da maioria da população que se diz branca” (HORNE, 2010, p. 135) e que o alto grau de sangue mestiço não era apenas horrendo, como também revoltante. No século seguinte seria justamente a mestiçagem nosso maior trunfo para provar como somos um país sem preconceitos, onde todos são iguais, numa grande nação morena que vive em uma eterna concórdia sem levar em conta a violência exercida nessa mistura de raças.

A nossa escravidão se converteu em uma linguagem (SCHWARCZ, 2019) e como tal era praticada aqui de forma diferente dos Estados Unidos, nem por isso pode ser pensada como melhor ou pior, porque não há como encontrar nenhum elemento redentor num sistema que implica na posse de um indivíduo por outro, buscaremos, entretanto, investigar como nossos autores lidam com a herança do passado escravista de seus países em suas obras.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Alguns desafios se colocam no horizonte desta pesquisa, o primeiro deles é não torná-la um trabalho hagiográfico, tratando os escritos de Lima Barreto e James Baldwin como evangelhos apócrifos, não levando em conta suas fragilidades, focando apenas nas suas potencialidades. Outro desafio talvez será entender que a literatura não tem a resposta para tudo, mas que pode (quem sabe) nos auxiliar a compreender o nosso contexto, encarar o que mudou, o que insiste em permanecer.

Lima Barreto acreditava na capacidade da literatura irmanar a todos, ampliar nossos sentimentos de solidariedade, como escreve no seu discurso *O destino da literatura*, e como se estivesse lendo qualquer noticiário de 2019, reforça

Atualmente, nestas horas de tristes apreensões para o mundo inteiro, não devemos deixar de pregar, seja como for, o ideal de fraternidade, e de justiça entre os homens e um sincero entendimento entre eles. (BARRETO, 2016, p. 280)

Talvez esse ideal esteja mais longe de ser alcançado do que nunca, com governos de tendência autoritária em metástase pelo mundo, trazendo consigo um ataque direto às artes e um anti-intelectualismo obscurantista digno da Inquisição, vindos não só dos governantes, mas também dos cidadãos que os apoiam. A atividade intelectual incomoda esses grupos, a não ser que sejam de intelectuais de ocasião (e estimação) ou como Baldwin, em seu ensaio *No Name in the Street*, define

esse tipo de atividade “[...] uma ilusão masturbatória e uma fraude perversa e perigosa.”⁴ (BALDWIN, 1998, p. 371). E contra essas fraudes, nos armamos com dois intelectuais negros contemporâneos, na interpretação de Agambem (2009) do termo, que com que a leitura que cada um fez da sua época podem nos ajudar a pensar a sombria realidade brasileira atual.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo?* e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

BALDWIN, James. *Collected Essays*. Library of America, 1998.

_____, James. *Nobody Knows My Name: more notes of a native son*. Penguin Books, 1991.

BARRETO, Lima. *Impressões de leitura e outros textos críticos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

_____, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Ática, 1998.

HORNE, Gerald. *O Sul mais distante: o Brasil, os Estados Unidos e o tráfico de escravos africanos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MARGOLICK, David. *Strange Fruit: Billie Holiday e a biografia de uma canção*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectivas, 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

⁴ [...] a masturbatory delusion and a wicked and dangerous fraud.